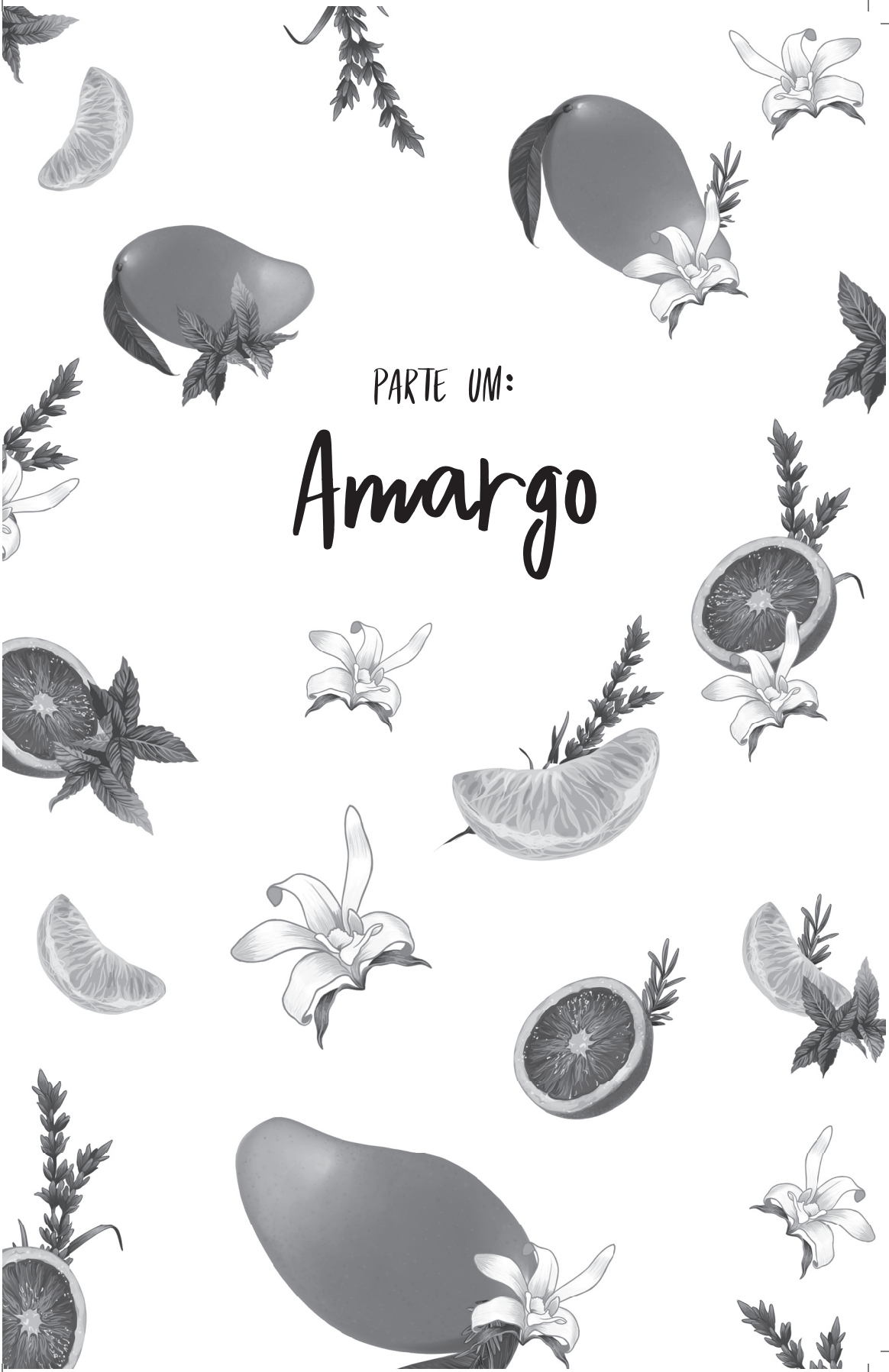


PARTE UM:

# Amargo



# Primeiro dia

A Fofinha não chora quando, sugando os meus dentes, desfaço a sua trança pela quarta vez. Sou eu quem está prestes a chorar, já que, por este andar, estaremos ambas atrasadas.

— Desculpa, Fofinha. Eu sei que dói. A mamã não quer que pareças desleixada.

As minhas desculpas não parecem comovê-la, talvez porque, em primeiro lugar, as minhas tranças não estão suficientemente apertadas para, de facto, aleijá-la (e, provavelmente, é por isso que os cabelos dela estão tão rebeldes); e, em segundo lugar, a Fofinha está a ver a *Vaiana.* E ela adora a *Vaiana.* Então, enquanto eu a deixar ver a *Vaiana,* ela deixa-me brincar, infinitamente, com os seus cabelos. Ainda bem que a Angélica me deixa utilizar a sua conta da Netflix. Inclino-me um pouco mais para a ponta do sofá para poder apanhar os fiozinhos soltos na frente da cabeça dela. Esta é a parte mais difícil de todas, e é preciso fazer tranças pequenas e bem apertadas para conseguir acertar.

— Emoni, *vete*. Está na hora de ires embora. Eu ajeito o cabelo dela.

Nem sequer olho na direção da Buela, parada perto da escada que leva para os dois quartos no andar de cima.

— Eu posso fazer, Buela. Estou quase a acabar.

— Vais atrasar-te para a escola.

— Eu sei, mas... — A minha voz diminui de intensidade e, ao que tudo indica, não é preciso terminar a frase, porque, à sua maneira, a Buela entende sempre.

Ela vem até nós e pega no pente, de onde o deixei, no sofá.

— Querias levá-la.

Concordo com a cabeça e mordo o lábio inferior. Esforcei-me imenso para conseguir pôr a Fofinha numa boa creche e, apesar da longa lista de espera, liguei e visitei a Mamá Clara, a proprietária, até que ela nos conseguiu uma vaga. Agora que a Fofinha, de facto, está lá, estou a ficar maluca. Nos seus dois anos na terra, a Fofinha nunca esteve longe da família. Termino a trança até à ponta. O estilo é simples, algumas tranças de raiz com um elástico de cabelo rosa no final, a combinar com as roupas da Fofinha: uma pequena camisa branca e uma camisola rosa. Está adorável. Não consegui comprar mais do que três conjuntos de roupa diferentes para que ela fosse para a creche, mas estou satisfeita por me ter esmerado neste.

Viro a cadeira da Fofinha para que fiquemos frente a frente, mas percebo que ela tenta ver a *Vaiana* pelo canto do olho. Ainda que eu esteja com o coração apertado, dou uma leve gargalhada. A Fofinha pode ainda ser novinha, mas já está a aprender a ser astuta.

— Fofinha, a mãe tem de ir para a escola. Vê se és simpática com as outras meninas e prestas atenção à Mamá Clara para aprender bastante, sim?

A Fofinha assente como se eu tivesse acabado de proferir um discurso importante do DJ Khaled sobre sucesso. Dou-lhe um abraço bem forte, tendo o cuidado de não a apertar de mais e estragar as tranças que passei uma hora a fazer. Com um último beijo na sua testa, respiro fundo e pego na minha mochila que está no sofá, certificando-me de que limpo a cobertura de plástico para que a Buela não se irrite comigo.

— Buela, não se esqueça do lanche dela. A Mamá Clara disse que devemos levar o lanche todos os dias. Ah, e o sumo dela! Sabe como fica agitada.

Ao passar pela Buela, inclino-me em confidência.

— Eu também pus uma garrafinha de água. Eu sei que ela não gosta tanto, mas não quero que beba apenas bebidas açucaradas, sabe?

A Buela parece tentar esconder um sorriso ao colocar a mão macia nas minhas costas e guiar-me em direção à porta da frente.

— Vejam só isto, a querer ensinar-me a cuidar de uma criança. Por favor, *nena*! Como se eu não te tivesse criado! E ao teu pai. — A Buela aperta levemente as minhas costas e ajeita o cabelo preso no topo da minha cabeça. — Ela vai ficar bem, Emoni. Certifica-te de que *tu* tens um bom primeiro dia de aulas. Sê simpática com os teus colegas. Aprende bastante.

Inclino-me na direção dela por um instante e inspiro o seu característico cheiro de baunilha.

— *Bendición*, Buela.

— *Que Dios te bendiga*, *nena*. — Ela dá-me uma palmadinha no cu e abre a porta da frente. Os sons da West Allegheny Avenue apressam-se para me receber: carros a buzinarem, autocarros a fazer as suas paragens, *espanglês* apressadamente gritado das esquinas quando as pessoas se cumprimentam, mães nas janelas a dar as últimas instruções aos seus filhos. A porta fecha-se atrás de mim e, por um segundo, a minha respiração entra em sincronia com a fechadura. Tudo aquilo que mais amo nesta vida está atrás desta porta de madeira. Pressiono a orelha contra ela e ouço palmas e, então, a Buela a dizer, num tom alto e alegre:

— Muito bem, pequena Emma! Hoje vais ser uma menina grande!

Puxo as alças da minha mochila para que fique agarrada a mim. Ao descer apressadamente os degraus, faço a mim própria o mesmo discurso motivacional: Muito bem, Emoni. Hoje é dia de ser uma menina grande.



# Emma

Eu queria dar um nome fixe à Fofinha. O tipo de nome que não diz muita coisa antes de a conhecermos, como é o caso do meu. Porque nunca ninguém conheceu uma miúda branca chamada Emoni, então assim que veem o meu nome num currículo ou no formulário de candidatura à faculdade, pensam que sabem exatamente o tipo de rapariga com quem estão a lidar. Eles sabem mais a meu respeito do que o que precisam saber e, merda — quer dizer, *porra* —, a informação não é de graça, então o nome da minha filha não iria revelar nenhuma informação que não fosse merecida. É por isso que enfrentei Tyrone com unhas e dentes para que ela se chamasse Emma.

— Só queres dar esse nome para que ela tenha as mesmas letras que o teu. — O Tyrone só sabe reclamar.

— Não, eu quero que o nome dela não soe tanto como os nossos — disse, e não me lembro se beijei as bochechas da Fofinha ou não. Mas sei que, naquele momento, senti uma emoção muito grande; eu queria fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para dar as melhores oportunidades do mundo à minha filha. E ainda que os nossos nomes tenham letras semelhantes, o meu está cheio de sons afiados como facas: Ê-Moh-Ní. O dela é suave, desliza na nossa língua como um murmúrio.

De qualquer modo, Tyrone atrasou-se no dia em que eu preenchi a certidão de nascimento, então Emma foi o nome escolhido. Eu sei

que, sozinho, um nome não consegue garantir novas oportunidades, mas ao menos dar-lhe-á a possibilidade de entrar na sala, para que as outras pessoas percebam que ela é alguém sobre quem eles gostariam de saber mais.



# Amigas quase irmãs

Angélica espera por mim na esquina, como sempre fez desde a primária. Os seus cabelos longos e escuros têm ondas da mesma cor vermelha vibrante do seu batom. Ela passa o peso do corpo de um pé para o outro, usando as *leggings* mais apertadas que já vi num corpo.

Eu paro a meio do caminho e finjo espanto.

— Amiga, estás prestes a dar espetáculo a esses rapazes! E estamos apenas no primeiro dia — digo enquanto damos os braços e caminhamos em direção à paragem do autocarro.

— Amiga, sabes que eu não ligo a esses rapazes. Já as raparigas... Dei uma olhadela nas redes sociais e o verão fez maravilhas a muitas dessas miúdas!

Solto uma gargalhada e abano a cabeça.

— A Laura sabe no que se meteu?

A Angélica sorri e, por alguns instantes, ela assemelha-se mesmo ao anjo ao qual seu nome faz referência.

— Ah, o meu amor sabe que eu só olho e não toco. Eu só quero que ela tenha consciência de que se eu quiser, posso deixá-la. Tenho opções!

A Angélica saiu do armário no ano passado e logo tirou a poeira dos seus *Air Max*, e nunca mais olhou para trás. Alguns meses depois de se assumir em casa e na escola, ela e Laura conheceram-se num *workshop* de *design* gráfico para adolescentes no Museu de Arte da Filadélfia. A Laura, a namorada, tem a mesma constituição dos *vikings* dos quais diz

descender: alta, ombros largos e com mãos gentis de artista, que eu sabia que cuidariam bem do coração da minha melhor amiga.

— *Dude*, não me venhas com essa. Eu vejo tudo o que publicas sobre a Laura. Se tu e ela postarem outra foto fofinha a dar um beijinho, vou apagar a minha conta. Na verdade, vou piratear a tua conta e eliminá-la.

— Sem ódio, Emoni. O Tyrone ainda está a ser um parvalhão? — Eu dou-lhe um murro no braço.

— É por isto que eu não te deixo chegar perto da Fofinha, és demasiado indecente.

— E tu não? — Ela lança-me um dos seus olhares penetrantes.

— Sim, mas eu aprendi *contigo.* E tenho estado a melhorar. — Há umas semanas, escapou-me acidentalmente e quase morri quando ouvi a Fofinha dizer «mer… mer… mer…» como se estivesse a praticar. Deixei-me de palavrões desde aí.

— Como está a minha sobrinha? Eu não a vejo desde... quando? Sábado?

Damos uma gargalhada. Apesar da sua boca suja, a Angélica é ótima com a Fofinha e vem sempre quando a Buela ou eu não podemos ficar com ela. Agora que a Fofinha tem dois anos, a Buela insiste que tenho de ter mais responsabilidade para a criar. Não me importo com isso, já que Fofinha é a criança mais incrível do mundo. É só difícil fazer malabarismo entre o trabalho, ela e, agora, o novo ano letivo, sem que a Buela exerça o grande papel que teve nos primeiros dois anos de vida da bebé. E, ainda que eu não o diga em voz alta, não é preciso fazê-lo; o Tyrone *está* a ser um parvalhão — um idiota — um *otário.* Quem usa a palavra *otário*?

— Ei! Emoni, estás a ouvir-me? — Angélica estala os dedos à frente dos meus olhos.

— Desculpa... Viajei por uns momentos. O que é que disseste? — A Angélica suspira dramaticamente. Todos os seus suspiros são assim.

— Já não ligas nenhuma ao que eu digo. — Solto o meu braço do dela.

— Para com essa palhaçada. Tudo o que eu faço é prestar atenção ao que dizes.

— Eu estava a perguntar sobre o jantar que deixaste para mim e para a Fofinha quando eu fiquei a tomar conta dela. Como é que lhe chamaste?

— *Pollo guisado*, frango guisado. Estava bom? — A Angélica come em minha casa desde miúda, mas como costumo inventar as receitas que cozinho, nunca sirvo o mesmo prato duas vezes. — Pensei que tivesse feito asneira quando adicionei a couve no fim. Não fazia parte da receita original.

— Estava *muito* bom. Eu queria saber se podias fazer esse prato para Laura e para mim. Fazemos seis meses é daqui a um mês! Pensei em fazer um jantar romântico em casa, já que a minha mãe vai estar fora da cidade.

— Jantar em casa nunca é romântico, Gelly — digo. O autocarro para e nós subimos com o resto das pessoas que, como nós, estão a ir para a escola ou para o trabalho perto de Yorktown e Fairmount, ou ainda mais ao sul no centro da cidade.

— Um jantar caseiro pode ser romântico se tu cozinhares! — Encontramos um lugar em pé onde conseguimos segurar nas barras acima de nós, enquanto o autocarro começa o seu percurso de dez minutos.

— Ah, agora eu sou cozinheira? A tua sorte é que eu te amo.

— Não. A minha sorte é que tu amas cozinhar e nunca recusas uma oportunidade para praticar com os teus amigos. A *chef* Emoni Santiago, a próxima campeã do *Master Chef!*

Solto uma gargalhada e pego no telemóvel para fazer anotações para o jantar da Gelly.



# Magia

Sempre que perguntares, a Buela começará sempre com a mesma história.

Eu era um pouco mais velha do que a Fofinha é agora e seguia sempre a Buela até à cozinha. Sentava-me na mesa da cozinha a comer uma imitação de *Corn Flakes*, arroz ou qualquer coisa que pudesse pegar e enfiar rapidamente na boca enquanto ela ouvia, no volume mais alto, El Gran Combo, Celia Cruz ou La Lupe no seu rádio antigo, saracoteando as ancas e misturando algo numa panela. Ela não consegue lembrar-se por que aquele dia foi diferente. Se o meu pai, Júlio, se tinha atrasado numa das suas visitas anuais vindo de San Juan ou se foi um período em que ela tinha levado uma ensaboadela no trabalho por demorar demasiado tempo a tirar as medidas de alguém, mas, nesse dia em particular, ela não ligou o rádio e não se comportou da mesma maneira ao fogão. A dada altura, deve-se ter esquecido de que eu estava lá, porque atirou o pano ao chão e foi-se embora. Saiu da cozinha, atravessou a sala, abriu a porta de casa e foi-se.

Não conseguimos entrar em consenso sobre o que a Buela tinha começado a cozinhar. Ela diz que era um cozido, algo que não queimaria tão rapidamente, mas, ainda que a minha memória infantil esteja um bocado confusa, lembro-me de ser uma panela de *moro* — o arroz e o feijão com certeza iam absorver a água toda rapidamente. A Buela diz que tinha somente ido até a parte da frente da casa para esvaziar a

cabeça e, quando voltou, dez minutos depois, eu tinha posto o banquinho perto do fogão, disposto temperos variados no balcão e estava com meu pequeno braço enfiado até quase metade da panela, a misturar.

Não é nem preciso realçar: Ela. Passou-se. Completamente. Achou que eu estava prestes a queimar-me, o jantar ou, o pior de tudo, a casa. (A Buela argumentaria que essa não é a ordem certa das coisas e sei que ela com certeza teria ficado muito chateada se eu me tivesse queimado, mas e se a casa se tivesse incendiado? Minha, não tem como recuperar disso.) Tudo para dizer que nada se queimou. Na verdade, quando a Buela provou a comida (o que quer que fosse aquela «comida»), disse que era a melhor coisa que já tinha comido. Que havia tornado o seu dia melhor, mais doce. Que uma memória de Porto Rico que ela não havia tido há anos surgiu como uma rede numa ilha para a embalar. Sempre que ela conta a história, faz uma comparação diferente, mas, ainda assim, tão doce quanto esta. Tudo o que sei é que ela chorou enquanto comia naquela noite. E então, aos quatro anos, eu aprendi que alguém podia chorar por uma memória feliz.

Desde daí, a Buela convenceu-se de que tenho mãos mágicas quando se trata de cozinhar. E, não sei se eu realmente tenho algo de especial, ou se o facto de ela me dizer que tenho algo de especial fez uma espécie de lavagem cerebral que me levou a acreditar que sim, mas sei que sou mais feliz na cozinha do que em qualquer outro lugar do mundo. É o único sítio em que me esqueço de tudo e foco somente no básico: gosto, cheiro, textura, fusão, beleza.

E, algo especial, *de facto,* acontece quando estou a cozinhar. É como se eu pudesse imaginar um prato na minha cabeça e saber que, se trocar isto ou mexer naquilo, se puser o meu tempero especial, vou criar uma coisa que nunca existiu antes. A Angélica acha que é porque vivemos na periferia e, por isso, não temos os ingredientes certos — *temos de ser inovadores, meu bem*. A minha tia Sarah diz que está no nosso sangue, uma necessidade inata de contar uma história através da comida. A Buela diz que é definitivamente um dom, magia. Que a minha comida não tem apenas o gosto bom, ela é boa — uma excelência engarrafada que aquece e faz com que se sinta melhor a respeito da sua

vida. Eu acho que apenas sei que esta erva com aquele vegetal e aquela carne e uma pitada de *eso ahí* funcionará.

E que, se tudo o resto der errado, um pouco de limão e uma garrafa de molho picante nunca fizeram mal a ninguém.



# Os autores

— Está bem, miúda, vejo-te à hora do almoço? — A Angélica diz quando paramos do lado de fora da minha aula de orientação. Aula de Orientação é o nome chique que a Schomburg dá à sala em que se regista a presença dos alunos.

— Sim, guarda um lugar perto da janela para mim se chegares lá primeiro. Ah, e leva-me um...

— Molho de maçã se parecer que está a acabar. Eu sei, Emoni. — A Angélica abre um ligeiro sorriso e vai-se embora. Ela conhece-me muito bem. Eu *adoro* o molho de maçã da escola — com canela extra.

A Sra. Fuentes tem sido a minha orientadora desde o meu primeiro dia na Schomburg Charter, e a sua sala de aula é sempre igual. A mulher ainda tem o mesmo cartaz motivacional em cima da porta: «És o autor da história da tua vida.» Esse póster tem encarado os vinte orientandos desde que entrámos ali pela primeira vez, como caloiros. E, mesmo que ele já não me faça revirar os olhos, eu ainda o acho ridículo. Apesar disso, a aula de orientação é a minha disciplina favorita do dia, ainda que seja também a mais curta; é onde a Sra. Fuentes regista a presença dos alunos, faz anúncios e nos dá exercícios preparatórios para a faculdade e para a «construção de caráter». Mas, o mais importante de tudo, é a única aula que tem os mesmos alunos desde o início do ensino básico. Então, falamos aqui de uma maneira que não podemos falar em mais nenhuma aula.

Das cortinas da janela da sala de aula, a Sra. Fuentes olha na minha direção e apanha-me a olhar o seu cartaz motivacional.

— *Miss* Santiago, como foi o seu verão? — pergunta ela, enquanto ajusta as cortinas da janela para que deixem entrar mais luz. Ela trata-nos sempre assim, *Mister* Isto, *Miss* Aquilo. Faz isso desde que entrámos na sua sala de aula, aos catorze anos. Sento-me numa mesa na segunda fila, próxima da porta. Troquei de lugar quando estava grávida e tinha de correr para a casa de banho a cada cinco minutos e, desde então, não mudei mais.

Encolho os ombros.

— Bom. Consegui um emprego. E o seu?

A Sra. Fuentes para, repentinamente, de mexer nas cortinas e olha-me pelo canto do olho.

— É sempre tão eloquente. É recompensador ter uma aluna que acredita em mais do que monossílabos. — Mas está a sorrir. Nunca disse, mas eu sei que sou uma das suas alunas preferidas. Os outros chegam sempre atrasados à aula.

Devolvo o sorriso.

— Ah, professora Fuentes, vejo que trabalhou no seu sarcasmo durante o verão. Está muito melhor.

Ela para de mexer nas cortinas e caminha na direção da minha mesa.

— Como está a Emma? Onde é o seu trabalho?

— Ela está muito bem, professora Fuentes. E o trabalho é no Burger Joint. — Apesar de ter oficialmente este nome, ainda o considero uma tasca. Eles acham que, como a área de Temple mudou, têm de se tornar mais chiques, mas uma tasca continua a ser uma tasca independentemente de como quer ser vista. — Sabe aquele sítio perto da universidade? Eu trabalho lá depois da escola, dois dias durante a semana e quatro horas todos os fins de semana.

As unhas bonitas e bem pintadas dela tamborilam na minha mesa e eu imagino que esteja a traçar um mapa imaginário do norte de Filadélfia.

— Sim, acho que já passei por lá. Vai conseguir dar conta de tudo e ainda trabalhar lá?

Baixo os olhos.

— Vai correr tudo bem. Não são assim tantas horas.

— Entendo... Eu sei que o último ano é stressante por si só, tente não se sobrecarregar com muita coisa ao mesmo tempo.

Não sei o que dizer. *Não* são assim tantas horas, na verdade, eu gostava que fossem mais. O dinheiro que ganho ajuda nas compras para a casa, nas despesas da Fofinha e o que não for possível pagar com o dinheiro da reforma da Buela.

O meu silêncio não intimida nem um pouco a Sra. Fuentes.

— Eu tenho uma surpresa para si quando começarmos, uma aula que acho que vai adorar.

Ela aperta o meu ombro antes de voltar a atenção para Amir Robinson, da área de Strawberry Mansion.

— Bem-vindo de volta, *Mister* Robinson! Meu Deus, como cresceu durante esse verão! — A Sra. Fuentes afasta-se, chamando: — *Miss* Connor, limpei o seu lugar favorito na última fila.



# Aquela rapariga

Pois é. Eu era *aquela* rapariga sobre a qual a tua mãe te alertou. Aquela que ela não queria que fizesses amizade. A que ela teme que te possas tornar. Ainda nem tinha terminado o 9.º ano e já tinha uma barriga que passava dos meus sapatos. Foi bom que a Fofinha nascesse em agosto, já que eu provavelmente teria repetido o ano se tivesse de ir às aulas durante o último mês da minha gravidez. A questão sobre ser uma adolescente grávida é que o teu corpo não é a única coisa que muda. Não era só o facto de eu ter sempre vontade de fazer chichi ou de as minhas costas doerem constantemente. Não era apenas o facto de os meus pés pesarem e de eu cozinhar as refeições mais *estranhas* (mas que ainda assim eram tão boas que fariam com que quisesses um pouco, mesmo que fossem fora do comum: hambúrguer de *jalapeño* com macarrão e tacos de cordeiro das Caraíbas).

As maiores mudanças, definitivamente, não foram as que ocorreram com o meu corpo.

Foi o facto de a Buela ter de arranjar mais trabalhos de costura para complementar o dinheiro que recebia da reforma, de os *viejos* que jogavam dominó na esquina abanarem a cabeça depreciativamente quando eu passava, de os homens no comboio sorrirem enquanto olhavam para os meus seios inchados, mas não cediam os seus lugares; de eu ter de fazer um milhão de provas de avaliação substitutas por causa

dos dias em que tinha consulta no médico ou estava demasiado enjoada de manhã para ir para a escola.

Quando eles descobriram que eu estava grávida, o diretor Holderness e o conselheiro de orientação convocaram uma reunião especial no gabinete do diretor. A Buela teve de ir à escola e eles chamaram a Sra. Fuentes também. O diretor Holderness e o conselheiro ofereceram-se para me transferir para um programa de ensino secundário específico para adolescentes grávidas. Mas a Sra. Fuentes não concordou. Ela disse que mudar-me de escola a meio do ano seria um ajuste difícil e que, sendo que o programa tinha um currículo desacelerado, isso impossibilitaria que eu me formasse no tempo certo. Sei que ela já tinha falado com a Buela a respeito disso, e elas devem ter magicado um plano, porque a Buela rapidamente apoiou o que ela dizia, acrescentando que ficar na Schomburg Charter seria «essencial para o meu sucesso escolar». Parecia que ela tinha ensaiado a frase, treinando aquelas palavras em frente ao espelho para ter a certeza de que as diria corretamente, e sei que foi a Sra. Fuentes quem lhe explicou sobre o que seria aquela reunião. Eu nem sabia o que essas palavras significavam naquele momento, mas sei agora que a Sra. Fuentes estava a esforçar-se para me ajudar a ser uma rapariga normal o tempo que fosse possível.

Sempre fui pequena: ser fisicamente baixa fazia com que as pessoas pensassem que eu também tinha uma personalidade vulgar. E então, de repente, eu era um aviso ambulante: uma advertência adolescente inchada, ocupando demasiado espaço e chamando muita atenção.



# Imersa

— Tenho dois anúncios para fazer — disse a Sra. Fuentes.

— Professora Fuentes — disse Amir sem levantar a mão —, espero que não nos diga que nos vai deixar.

— Não, não. Nada disso, *Mister* Robinson — responde ela, e todos respiramos com um pouco mais de alívio. — O primeiro anúncio é de que teremos mudanças no nosso calendário. Foram contratados novos membros do corpo docente em agosto, e acredito que não seja necessário frisar que isso afetou os nossos horários de aulas. Há novos cursos facultativos para os alunos mais velhos, e vou fazer passar pela sala a lista. O segundo anúncio é a respeito de um novo estudante.

Todos resmungamos. Em praticamente todas as aulas que já tive, novos alunos iam e vinham durante o ano inteiro sem que ninguém se importasse. Mas é diferente na aula de orientação. Ninguém quer conversar perto de estranhos que não vão ficar muito tempo ali.

— Eu sei, eu sei. Eu insisti com a administração para que mantivéssemos a turma de orientação pequena e com os mesmos alunos, mas não há vagas em mais nenhum lugar. Eu já conheci o novo aluno e acho que ele se encaixará muito bem. Vai-se matricular hoje, certifiquem-se de que se portam muito bem quando ele vier amanhã. Eu só queria avisar-vos. Agora, vamos falar sobre os cursos facultativos.

A Sra. Fuentes sorri e coloca um folheto em cada uma das nossas mesas.

— Vejam a lista com cuidado, pensem em que disciplina se encaixam melhor e digam-me amanhã.

Pegamos todos nas nossas mochilas assim que toca. Eu aceno à Sra. Fuentes ao sair, a olhar para a longa lista de disciplinas. As favoritas de sempre ainda estão lá: Fotografia, Escrita Criativa, Carpintaria, Dança. E ali, escondida no fim da lista: Arte Culinária: Inspiração Espanhola.

O nome da aula sobressai-se e paira acima dos outros, capta o meu olhar até não conseguir distinguir as outras palavras do folheto. Durante todos os anos em que estive na Schomburg Charter, nunca houve uma disciplina de Arte Culinária — ainda que a escola tenha uma cozinha para aulas e um café que não é utilizado há alguns anos. Eu suponho que a aula ficará cheia rapidamente.

E, por um instante, o entusiasmo borbulha dentro de mim como uma panela de água a ferver. Finalmente, posso ter uma aula de culinária oficial, e, ainda por cima, com um foco regional específico. Então, lembro-me de que estou no último ano de secundário. Seria mais responsável manter o programa atual e continuar o estudo acompanhado. Sem adicionar mais uma aula ou mais trabalho. Desligo o fogo da panela do entusiamo até que ela deixe de ferver.

Duas aulas depois, encontro a Angélica à entrada do refeitório, a olhar para a fila como se procurasse alguém que nos deixasse passar à frente.

— Viste a disciplina de Design Gráfico? Devias inscrever-te comigo!

Faço que não com a cabeça. Ela sabe bem que não vou fazer merda — *bosta* — nenhum Design Gráfico.

— Angélica, ambas sabemos que eu não sei sequer desenhar bonecos de palito.

Ela para de esticar o pescoço e vamos para o fim da fila. Ali, começo a procurar uma coisa na minha mochila.

— Não digas isso. Os teus bonecos de palito são lindos. Mas nenhuma aula pode competir com a de Arte Culinária, *né*? Essa disciplina foi feita para ti.

Quando ela me vê tirar o telemóvel da mochila, usa a mão para baixar a minha.

— Então, endoideceste? O verão deve ter-te derretido o cérebro. Sabes que, se os seguranças virem o teu telemóvel, vão confiscar-to. Eles adoram fazer esse tipo de coisas.

— A Buela tem uma consulta no médico às quatro e meia e posso não conseguir falar com ela mais tarde. Só queria enviar-lhe uma mensagem para saber como foi deixar a Fofinha na creche.

A Angélica troca de lado comigo para cobrir o meu corpo de possíveis seguranças ou professores que estejam a observar. As senhoras do refeitório conseguem ver-me, mas elas só se importam com a porção servida ao almoço e em fazer com que a fila avance. Certifico-me de que ninguém da creche me ligou, envio uma mensagem para a Buela e coloco o telemóvel de volta na mochila.

— Obrigada por me dares cobertura.

— Vou precisar que faças a mesma coisa por mim quando eu mandar esta foto sensual para a Laura.

Sorrio e abano a cabeça. Pagamos o nosso almoço e vamos na direção das mesas junto às janelas. Uma das características da Angélica é que, quando põe uma ideia na cabeça, não desiste. E, por isso, assim que nos sentamos, ela volta a discutir as aulas facultativas.

— Emoni, eu sei o que estás a fazer.

Eu resmungo e trinco um pedaço da minha sandes. Quero deixar o meu apetitoso molho de maçã para comer depois.

— O que é que estou a fazer? — pergunto com a boca cheia de peru. Se eles pusessem um pouco de *chutney* no pão, ou quem sabe um pouco de manteiga de alho e o tostassem, a sandes seria deliciosa. Os meus dedos formigam com a vontade de pegar no telemóvel para anotar esta ideia para uma receita.

— Aquela coisa de mártir que fazes quando queres alguma coisa, mas convences-te de que não podes tê-la por causa da Fofinha ou da Buela.

Eu engulo. Será que ela está certa? É isso que estou a fazer? Às vezes, a tua melhor amiga consegue ler-te melhor do que qualquer outra pessoa.

— Só queria ter minhas coisas encaminhadas como tu, Gelly.

A namorada, o sonho de ir para a faculdade de Artes, as notas. Ela aponta o garfo para mim.

— Tu és a pessoa mais forte que eu conheço, Emoni Santiago. É o último ano de escola, a última oportunidade que temos para sermos

apenas adolescentes. Se não tentas fazer algo de diferente agora, então quando vais poder?

— Não sei. Talvez. Gostava de aprender a cozinhar receitas de Espanha.

Por trás dos óculos, os olhos da Angélica arregalam-se.

— Miúda, sabes que não é só aprender a cozinhar refeições espanholas, é aprender a cozinhar *em* Espanha. O meu orientador disse-me que vai haver uma viagem de uma semana durante a primavera.

Schomburg já ofereceu aulas temáticas antes. Na disciplina de História Pré-colombiana levaram os estudantes a sítios arqueológicos no México; no curso de Design de Moda os alunos foram numa visita de estudo a antigas fábricas de tecido na Nova Inglaterra. Nunca houve uma aula que eu quisesse fazer, ou uma viagem que achasse que poderia pagar.

*E não tens nada que fazer esta disciplina sendo que poderias fazer a orientação individual, além de que tu também não consegues pagar essa viagem, Emoni.* Mas não digo nada em voz alta à Angélica. Dou outra dentada na minha sandes, fechando os olhos para saboreá-la, já que, apesar de não conseguir pensar num único modo de fazer com que a minha vida se torne mais como imagino, consigo imaginar cem modos diferentes de fazer com que esta sandes se torne mais deliciosa. E, às vezes, focar no que podemos controlar é o único modo de diminuir a dor que surge no peito quando pensamos em coisas que não podemos controlar.